

ARTIGO - 4. AS PERSPECTIVAS DA CONSERVAÇÃO DESDE O SUL
GLOBAL: PATRIMÔNIO PARA TODOS: DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL /
REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO: NARRATIVAS PLURAIS E MEMÓRIAS
SILENCIADAS / NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS NA GESTÃO,
VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

**PATRIMÔNIOS CULTURAIS NEGROS EM AMEAÇA DE MORTE: O
ANTROPOCENO EM QUESTÃO NA REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES
NO CAMPO DA MEMÓRIA COLETIVA**

Arthur Nazario Moreira (arthurnazario.moreira@estudante.ufjf.br)

Dipesh Chakrabarty (2013, p. 9-10) descortina na primeira asserção do artigo “O Clima da História: quatro teses” que o ser humano deixou de ser apenas um agente biológico comum, passando a ter tamanha influência que pode ser comparado a uma força geológica, isso significa “atribuir-nos uma força de escala igual àquela liberada nas vezes em que houve extinção em massa das espécies”. Nesse sentido, o Antropoceno é em síntese a demarcação geológica e temporal das relações humanas de controle em relação à natureza “em escala suficiente para causar impacto no próprio planeta” (Chakrabarty, 2013, p. 9).

Se por um lado, o período conhecido pelas mudanças planetárias causadas pelo homem abrem caminhos para o despertar sobre a iminência da catástrofe natural, incluindo o humano, e a discutir suas origens, é por outro, necessário que o questionamento seja feito de maneira a pensá-lo “não somente (como) uma nova ordem geológica, mas também (como) um novo sentido histórico” (Freyesleben, 2023, p. 21). Neste viés, André Felipe Cândido da Silva e Gabriel

Lopes (2021, p. 351) questionam se o Antropoceno reduz seus diálogos no: “reforço do antropocentrismo, por supostamente ignorar clivagens sociais e desigualdades, escamoteadas sob a ideia indiferenciada de humano, por representar colonização epistemológica pelas ciências naturais” (grifo meu).

Ignorar os fatores interseccionais que o atravessam simboliza, a reiterada subalternização de populações desde agora marginalizadas que se encontram em meio a estas problemáticas que impactam diretamente a vida humana. Assim, ao retomar o alerta de Chakrabarty a respeito da aproximação de uma tragédia ambiental, somos colocados diante do aprofundamento das relações sociais e históricas. Por está vertente, Dalila Varela Singulane (2024) irá trabalhar essa perspectiva a partir da criação dos vínculos entre conquistador e dominados durante os processos colonialistas europeus (Quijano, 2005) no qual “o pensamento político e religioso europeu que deflagrou um novo, e destruidor, modo de vida sobre os territórios” (Singulane, 2024, p. 110).

É central perceber neste panorama como uma abordagem que iguale a ação dos indivíduos enquanto agentes geológicos é problemática, principalmente quando é tomado como ponto de partida que os mais vitimados pela crise ambiental não são aqueles que a promovem. Ao operar nestas bases, é possível aferir que o Patrimônio Cultural está inserido nesta mesma lógica, à medida que se encontra caracterizado por padrões coloniais institucionalmente racistas, que colocam a herança negra em potencial perigo de morte, em função da vulnerabilidade às quais estão expostas as diversas expressões/referenciais culturais negras que necessitam diretamente da relação com a natureza ou mesmo da sobrevivência dos indivíduos que a promovem, ao partir do pressuposto de que está vidas estão colocadas em constante ameaça diante do cenário de exacerbação dos eventos climáticos.

Palavras-chave: patrimônios culturais negros; antropoceno; patrimonícidio; memória coletiva ameaçada.